

INVENTÁRIOS DE PATRIMÔNIO IMATERIAL: BUSCANDO UM SISTEMA DE GESTÃO DA MEMÓRIA

Lorena Sancho Querol
UNIDCOM-IADE - Portugal

Resumo

O inventário museológico constitui um espaço de democratização cultural e patrimonial e um lugar de produção de conhecimentos, quando contempla a dupla dimensão de nosso patrimônio e, com isso, o papel fundamental que os diferentes atores e atorras cumprem na dinâmica patrimonial contemporânea. A inter-relação entre o caráter material e o imaterial do patrimônio e os estudos que a partir dela podemos realizar, desde uma instância museológica como o inventário, permitem-nos dar voz ao museu para reconstruir, com base em estratégias específicas de participação, narrativas que permitem encontrar respostas e criar espaços de encontro e de reflexão que tornam o museu socialmente útil. Tomando como ponto de partida um conjunto de entrevistas sobre a natureza do inventário, realizadas com os/as profissionais de 11 museus portugueses entre 2008 e 2010, apresentamos aqui as primeiras reflexões sobre o perfil profissional de quem se ocupa desta função museológica, assim como seus conhecimentos, experiências, expectativas e métodos de trabalho. Além disso, através do estudo e interpretação das respostas obtidas na primeira das questões colocadas, acessamos o imaginário destes/as profissionais, para decifrar os eixos de atuação que orientam esta função vital do museu, assim como os diversos ecos a que dão lugar, em sua gestão cultural e cotidiana. Entre as conclusões podemos destacar a frágil presença que tem a dimensão imaterial dos bens patrimoniais na mente de quem, desde o inventário, e através do trabalho de campo e da pesquisa, produz conhecimento associado à nossa realidade patrimonial, assim como as diversas conseqüências que esta situação produz no estudo, conservação e difusão da memória social dos grupos humanos.

Palavras-chave: Patrimônio cultural imaterial. Inventário. Construção social. Atores sociais. Museu. Território. Memória. UNESCO.

INVENTARIOS DE PATRIMONIO INMATERIAL: BUSCANDO UN SISTEMA DE GESTIÓN DE LA MEMORIA

Resumen

El inventario museológico constituye un espacio de democratización cultural y patrimonial y un lugar de producción de conocimientos cuando contempla la doble dimensión de nuestro patrimonio y, con ello, el papel fundamental que los diferentes actores y actoras juegan en la dinámica patrimonial contemporánea. La interrelación entre el carácter material y el inmaterial del patrimonio y los estudios que a partir de ella podemos realizar desde un territorio museológico como el del inventario, nos permiten dar voz al museo para reconstruir, basados en estrategias específicas de participación, narrativas con las que dar respuestas y crear espacios de encuentro y de reflexión que tornan al museo socialmente útil. Tomando como punto de partida un conjunto de entrevistas sobre la naturaleza del inventario realizadas a los/las profesionales de 11 museos portugueses entre 2008 y 2010, presentamos aquí las primeras reflexiones sobre el perfil profesional de quien se ocupa de esta función museológica, así como de sus conocimientos, experiencias, expectativas y métodos de trabajo. Además, a través del estudio e interpretación de las respuestas obtenidas en la primera de las cuestiones planteadas, nos adentramos en el imaginario de los/as profesionales para descifrar los ejes de actuación que orientan esta función vital del museo, así como los diversos ecos a que dan lugar en su gestión cultural y cotidiana. Entre las conclusiones, podemos destacar la frágil presencia que tiene la dimensión inmaterial de los bienes patrimoniales en la mente de quien, desde el inventario, y a través del trabajo de campo y la investigación, produce el conocimiento asociado a nuestra realidad patrimonial, así como sus diversas consecuencias en el estudio, la conservación y la difusión de la memoria social de los grupos humanos.

Palabras clave: Patrimonio cultural inmaterial. Inventario. Construcción social. Actores sociales. Museo. Territorio. Memoria. UNESCO.

INVENTORIES OF IMMATERIAL HERITAGE SEARCHING FOR A MANAGEMENT SYSTEM OF MEMORY

Abstract

The museological inventory is a space of cultural and heritage democratization and a place of production of knowledge especially in view of the double dimension of our heritage and the essential role played by the different actors in the contemporary heritage dynamics. The interrelationship between the material and immaterial character of heritage and the studies based on this interrelationship, carried out from the museological point of view -such as the one of the inventory- enable us to give the museum a voice to rebuild, on the basis of specific strategies of participation, texts through which answers may be found as well as areas of reflection and meeting places created to make the museum socially useful.

Taking as a starting point a group of interviews to professionals of 11 Portuguese museums between 2008 and 2010 on the nature of the inventory, we present the first reflections about the professional profile of whoever is in charge of that museological function, as well as his knowledge, experiences, expectations and working methods. Moreover, through the study and interpretation of the answers obtained for the first question, we venture into the imaginarium of these professionals to decode not only the lines of action that guide this vital function of the museum, but also the different echoes they produce during their everyday cultural management.

Among the conclusions, we highlight the weak presence of the immaterial dimension of heritage properties in the mind of whom, starting from the inventory and through field work and research, creates the knowledge associated to our heritage reality, as well as the different consequences this situation produces in the survey, the conservation and the spread of the social memory of the human groups.

Key words: Immaterial cultural heritage. Inventory. Social construction. Social actors. Museum. Area. Memory. UNESCO.

INVENTÁRIOS DE PATRIMÔNIO IMATERIAL: À PROCURA DE UM SISTEMA DE GESTÃO DA MEMÓRIA

Lorena Sancho Querol¹
UNIDCOM-IADE – Portugal

Apresentação

Apresento, neste artigo, uma parte dos resultados do estudo que estou a desenvolver no contexto da elaboração de uma tese de doutoramento em Museologia na *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias* de Lisboa, cujo título é: “O Património Cultural Imaterial e a Sociomuseologia: estudo sobre inventários”. Nela investiguei a história do inventário de Património Cultural a partir do século XIII e até a actualidade, no âmbito do museu, do território português e da evolução do agora denominado Património Cultural Imaterial; analisei os métodos de inventário participado criados no contexto de um projecto de desenvolvimento sociocultural de carácter internacional denominado *Celebração da Cultura Costeira*, e realizei um estudo em torno desta função museológica, centrando-me nos princípios, objectivos e protagonistas que dão forma à sua prática quotidiana num conjunto formado por 11 museus portugueses. Finalmente desenvolvi uma reflexão teórica em torno do conceito de participação, dando forma a um princípio museológico que constitui a chave da construção dos patrimónios emergentes e, simultaneamente, do inventário contemporâneo (ver Sancho Querol 2011a)

A partir desta experiência, pretendo analisar a situação actual do inventário como vector central na definição, salvaguarda e difusão do Património Cultural Imaterial, com frequência subestimado, e cujo potencial se revela extraordinário para quem considera o museu como um cenário de democratização da memória e um lugar de transformação social através do livre acesso ao conhecimento.

Os meus pontos de partida são dois: em primeiro lugar, o facto de que o inventário, a sua formulação e a sua prática, está destinado a ser um dos eixos básicos da museologia contemporânea, precisamente por constituir um lugar privilegiado para a recolha dos conhecimentos relacionados com as práticas, os processos sociais, os saberes ou as formas de expressão, a partir dos quais ganha forma a materialidade das realidades às quais atribuímos o estatuto de Património Cultural; em segundo lugar, o considerando que em todo o inventário deve figurar a vida do objecto na fase anterior à musealização, ou seja, a vertente imaterial que nos põe em contacto com o seu contexto original e que nos permite redimensionar o seu valor social e cultural para as gerações do presente. Ambas as ideias acabam por se entrelaçar ao cumprir-se o que está estabelecido na citada Convenção de 2003, subscrita oficialmente por Portugal em Março de 2008. Simultaneamente, permitem-nos abandonar uma postura que poderíamos

¹ Investigação e Tese realizadas no âmbito do Projecto *Celebração da Cultura Costeira*, promovido pela *Mútua dos Pescadores*, financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (2004-2009) e cofinanciado pela Câmara Municipal de Sines, Portugal. Bolseira do Programa de Doutoramento da Fundação para a *Ciência e a Tecnologia*, Portugal (2010-2011).

designar “museocêntrica”, baseada numa concepção de museu como produtor do conhecimento, para colocar esta instituição numa posição estratégica a partir da qual se podem reconhecer os valores sociais, culturais e simbólicos do Património numa perspectiva moderna.

Ao longo deste artigo, apresento alguns resultados e reflexões procedentes da análise das respostas obtidas nas entrevistas realizadas às pessoas responsáveis pelo inventário no conjunto de museus que constitui a minha amostra de referência. O meu objectivo consiste na definição das ideias, dos métodos, dos critérios e das ferramentas que coabitam na mente de quem dá forma a esta função museológica, sobretudo porque, no seu conjunto, definem fronteiras conceptuais básicas para o seu adequado desenvolvimento.

I. A definição de um território museológico para o estudo do inventário

Partindo de tais pressupostos, efectuei uma análise da situação actual da função que nos ocupa, entre Setembro de 2008 e Abril de 2010, com a finalidade de conhecer a realidade quotidiana e de apresentar alternativas que nos permitam adequar os nossos inventários às necessidades culturais e patrimoniais da sociedade actual.

A metodologia utilizada foi a entrevista semiaberta, aplicada a onze museus escolhidos de forma a que fossem representativos de todos os tipos de administração de cuja tutela dependem, assim como de uma variada gama de conteúdos nos quais se incluem componentes materiais e imateriais.

Com este objectivo contactei com a direcção das instituições, solicitando autorização para visitar cada museu com a intenção de:

- entrevistar a pessoa ou as pessoas responsáveis pelo inventário;
- aceder ao sistema de gestão da colecção (SGC) e consultar as diversas fichas para compreender como se manifestava a relação entre os elementos materiais e imateriais do Património Cultural nesta tarefa quotidiana, insistindo ainda em conhecer a versão utilizada para as fichas de inventário em formato papel;
- visitar as reservas do museu e as exposições em curso, com a finalidade de analisar a relação entre a documentação e a gestão quotidiana do museu.

Os museus seleccionados foram os seguintes:

- O **Museu do Mar Rei Dom Carlos** ou MM (museu municipal).
- O **Museu da Electricidade** ou ME (museu de fundação).
- O **Museu Nacional de Arqueologia** ou MNA (museu nacional).
- O **Museu das Comunicações** ou MC (museu de empresa).
- O **Museu Nacional de História Natural** ou MNHN (museu universitário).
- O **Museu da Farmácia** ou MF (museu de associação).
- O **Museu de Lanifícios** ou ML (museu universitário, no qual a atenção se centra no património industrial).
- O **Museu Nacional do Traje e da Moda** ou MNTM (museu nacional, no qual analisámos o inventário no contexto da organização da exposição “Trajes Reais: D. Luís e D. Amélia” aberta de 27/11/07 a 27/11/09).

Ainda abordámos dois museus municipais para poder estudar vários aspectos relacionados com a inventariação do património fluvio-marítimo:

- O **Museu Municipal de Portimão** ou MMP.
- O **Ecomuseu Municipal do Seixal** ou EMS.

E por último, um museu desta mesma tutela no qual analisámos o inventário de manifestações de cultura imaterial e, com este, a participação das comunidades locais no processo de patrimonialização:

- O **Museu do Trabalho Michel Giacometti** ou MTMG.

II. Estrutura, princípios e objectivos das entrevistas realizadas

Sob o título “O inventário e seus actores e actrizes no panorama museológico português”, o guião utilizado para entrevistar os/as profissionais responsáveis pela elaboração e actualização dos inventários tomava como ponto de partida um conjunto de questões que nos permitissem conhecer a identidade do nosso/nossa protagonista, bem como a sua relevância no contexto do reconhecimento, da produção e da divulgação dos saberes patrimoniais. Pretendíamos igualmente contactar com a relação que, para estas pessoas, existe ou deve existir entre a materialidade e a imaterialidade dos bens culturais.

Modelava-se assim o guião em torno de três temas-chaves para a prática do conceito moderno de Património Cultural (ver: Sancho Querol 2009: 2 e 3; 2010: 3) e para a definição da função social do museu. Estas temáticas orientariam também as fases da análise dos resultados e da elaboração das conclusões. São as seguintes:

- 1. O sentido e o destino do inventário museológico;**
- 2. O inventário no contexto da produção de capital cultural no museu;**
- 3. O lugar do inventário na gestão museológica quotidiana.**

Os temas foram abordados na entrevista sob a forma de sete perguntas que nos permitiriam tomar contacto com o trabalho quotidiano do inventário através dos seus protagonistas. A ordem era a seguinte:

1. O inventário, os seus profissionais e o museu.
Objectivos: conhecer a imagem mental, ideias e princípios metodológicos associados a esta função e definir o circuito de inventário dos bens culturais, ao longo do processo de patrimonialização.
2. A última incorporação.
Objectivo: identificar as formas de incorporação ou entrada dos bens culturais nos museus e os critérios seguidos nas suas políticas de ampliação de colecções.
3. Uma história simples; 4. O museu manifesta-se.
Objectivo: analisar o lugar que ocupam as dimensões material e imaterial do Património no processo de inventário, através da narrativa de diversos aspectos de uma das últimas incorporações. Confrontar esta informação

com o uso, funções e carácter social desse mesmo bem cultural uma vez finalizado o processo.

4. Projectando o museu ideal.
Objectivo: definir o perfil profissional das pessoas que trabalham no inventário no contexto do quadro de pessoal do museu.
5. O sistema de gestão da documentação (SGC).
Objectivo: realizar um balanço dos diferentes SGC utilizados nos museus, centrando-nos nas formas de gestão das dimensões material e imaterial das suas colecções a partir da perspectiva das funções básicas do museu.
6. A experiência da entrevista realizada.
Objectivo: aceder a outros assuntos não abordados durante a entrevista mas igualmente relevantes para o nosso estudo.

III. Inventário e capital cultural nos museus portugueses

A primeira das questões formuladas (O inventário, os seus profissionais e o museu) dividiu-se em três partes, uma dedicada ao estudo do próprio conceito de inventário e duas dedicadas ao estudo do *circuito de inventário*. Para os museus com temáticas específicas como a do Património fluvio-marítimo ou a do Património Imaterial, existia uma quarta parte destinada a estudar o circuito nestes contextos especializados.

A partir daqui centrar-me-ei nas respostas dos/das onze entrevistados/as perante a pergunta que protagoniza a primeira parte, ou seja:

“Enumere as dez primeiras palavras que lhe ocorram quando ouve falar em “inventário”.

O objectivo desta questão era aceder à imagem mental, às ideias e aos princípios teóricos e metodológicos associados a esta função pelas pessoas entrevistadas, mediante a análise dos dez termos escolhidos por cada uma, a fim de definir os modelos conceptuais e metodológicos predominantes.

Com esta finalidade, optou-se por realizar uma análise sumária de cariz qualitativo das onze respostas e em função dos três temas anteriormente referidos. Durante a leitura teve-se em conta que os primeiros três termos enunciados são os que permitem conhecer aqueles aspectos considerados por estes/estas entrevistados/as como prioritários na prática diária desta função. A partir do quarto termo confrontamo-nos com um conjunto de palavras que são já o resultado de um curto e momentâneo exercício de reflexão no qual a pessoa entrevistada interioriza o conceito proposto, para continuar a busca de outros que permitam completar a lista dos dez solicitados.

Com o propósito de ilustrar a diversidade de respostas criámos o Quadro 1, no qual figuram quatro das onze séries obtidas.

QUADRO 1
10 CONCEITOS RELACIONADOS COM O INVENTÁRIO DE PATRIMÓNIO CULTURAL
SEGUNDO OS/AS PROFISSIONAIS DOS MUSEUS PORTUGUESES
(Sancho Querol, 2011b: 243)

Museus	Museu Nacional de História Natural (Lisboa)	Museu da Electricidade (Lisboa)	Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal)	Ecomuseu Municipal do Seixal (Seixal)
Conceitos enumerados	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coleção 2. Base de dados 3. Etiquetas 4. Registo 5. Frascos 6. Data 7. Lugar 8. Nome 9. Identificação 10. Quem foi o ofertante/colector 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conservação 2. Museu 3. História 4. Exposição Contacto c/ público Transmitir vivências Factor humano Gosto Interesse 10. Empenho pessoal	<ol style="list-style-type: none"> 1. Observação 2. Sistematização 3. Categorias 4. Conhecimento 5. Acesso 6. Organização 7. Sistema 8. Código 9. Leitura 10. Reconhecimento 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Descrição 2. Organização 3. Gestão 4. Identificação 5. Investigação 6. Comunicação 7. Memória 8. Trabalho 9. Profissões 10. Pessoas

Após uma análise detalhada que nos permitiu criar os três grupos temáticos e colocar os termos por ordem de importância segundo a sua representatividade, obtivemos as três colunas de dados que podem observar-se no Quadro 2

QUADRO 2
GESTÃO MUSEOLÓGICA E CAPITAL CULTURAL DO MUSEU
SEGUNDO O/A PROFISSIONAL E O SEU CONCEITO DE INVENTÁRIO
(Sancho Querol, 2011b: 244)

Temas analisados	Sentido e destino do inventário	Capital Cultural	Gestão museológica
Conceitos organizados por temas	<p>Conceitos predominantes no I Grupo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Classificar(8 respostas) 2. Memória (2 resp.) 3. Comunicar/ estruturar a comunicação (1 resp.) <p>Conceitos predominantes no II Grupo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Discurso do método (8 resp.) 2. Comunicar/ estruturar a comunicação (3 resp.) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecimento (4) 2. Investigação (3) 3. Descrição (3) 4. Documentação (2) 5. Estudo (2) 6. História (2) Origem, época Ofertante/colector <ol style="list-style-type: none"> 7. Memória (1) Trabalho, profissões 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Registrar, registo, livro de reg. (5) 2. Organização (4) 3. Imagens, fotografia (4) 4. Sistematização (3) 5. Informatização, utilização de novas tecnologias, base de dados (3) 6. Gestão (2) / 7. Coleção (2) 7. Museu (1) 8. Componentes diversas: <ul style="list-style-type: none"> - Espólio, número, marcação, denominação; - Espólio, número, marcação, medição, local, materiais, código; - Organiz. de ideias, reorganização; - Conservação (2), preservação;

Posteriormente, submergimo-nos em cada um destes mundos para descobrir quais os conceitos e modelos de trabalho que escondem e qual é o seu peso na construção quotidiana da realidade patrimonial local.

a) O sentido e o destino do inventário museológico

A função cuja identidade social queríamos descobrir constitui o leito principal da investigação museológica ou, por outras palavras, é o lugar a partir do qual nos é possível reconhecer, estudar e documentar os conhecimentos associados a processos, formas de vida, saberes e expressões que se encontram nas mãos dos colectivos sociais e que apresentam, por sua vez, diversas formas de materialidade.

Ao mesmo tempo o inventário alimenta as outras funções fundamentais do museu contemporâneo, ou seja, a salvaguarda – na qual as dimensões material e imaterial devem coexistir em igualdade de condições tendo em vista a valorização, a promoção e a transmissão – e a educação – ou difusão do conhecimento associado ao Património no contexto do ensino não formal – mantendo com estas uma estreita relação. A este propósito, Santacana y Hernandez recordam-nos que “un museo que no investiga es como un árbol sin raíces, está muerto y no florecerá jamás” (2006: 97) e, o mais importante é que, sem beber dos conhecimentos, experiências e formas de pensar e de produzir das comunidades locais, dificilmente conseguirá produzir frutos como o desenvolvimento sociocultural, o estudo da memória ou a transmissão de saberes em vias de extinção.

A partir daqui os museus, pela sua natureza, pelas suas características e pela sua função social, constituem verdadeiros espaços de comunicação, desempenhando um papel-chave na socialização do conhecimento que resulta do processo de reconhecimento, investigação e documentação, a partir do qual se produz a patrimonialização.

Para analisar o primeiro dos nossos temas optámos por criar dois grupos que, como referimos anteriormente, mediante uma leitura flutuante nos permitissem identificar os conceitos de fundo que nos abrem a porta ao modelo de inventário utilizado e respectivos critérios, métodos e objectivos.

No primeiro grupo incluímos os três primeiros termos de cada resposta para definir, caso a caso, um único conceito. Como resultado, confrontámo-nos com o facto que, em oito das onze respostas, os termos utilizados estavam directamente associados à **classificação**, encontrando-se em segundo lugar os termos associados à **memória** – em duas respostas – e por último, uma única resposta em que o conceito subjacente era o da **comunicação**.

No segundo grupo, já os termos remetiam, em primeiro lugar para o **discurso do método** – em oito respostas –, para o **método associado à comunicação** – em duas respostas – e para a **comunicação** como tema central nos últimos dois casos.

Desta forma, pode afirmar-se que, segundo as pessoas entrevistadas, o sentido e destino desta função museológica é:

1. A classificação
(contando com uma representatividade de oito respostas no I Grupo)
2. O método
(com a mesma representatividade mas no II Grupo)
3. A comunicação
(com uma representatividade de três respostas repartidas entre o I Grupo e o II Grupo)
4. A Memória
(com uma representatividade de duas respostas no I Grupo)

Parece-nos que o inventário continua a alimentar-se dos conceitos associados ao modelo tradicional de museu, no qual o conhecimento e a compreensão das realidades natural e cultural passam inevitavelmente pelo processo de classificação. Esta lógica, fundamental para o estudo adequado das diversas formas de cultura, parece algo fria e construtivista, sobretudo se tivermos em linha de conta que, em segundo lugar, confrontamo-nos com um conjunto de termos que nos colocam em contacto imediato com o método e que, somente em terceiro lugar, e com uma representatividade muito menor, parecem existir sinais vitais no museu ao referir-se a comunicação. Finalmente, e ainda que com uma representação ínfima, encontramos-nos com o museu como lugar de estudo da memória.

O quadro conceptual que obtivemos parece apontar para o período anterior à Convenção da UNESCO de 2003, o que, em 2010, confronta-nos de imediato com a necessidade de alterar a ordem das prioridades para poder responder aos desafios colocados por esta Convenção. Enquanto o primeiro e o segundo conceitos estão mais relacionados com o mundo material do património, ou seja com a análise metódica do objecto, o terceiro e quarto estão relacionados com o lado imaterial, isto é com os processos sociais que se encontram vinculados a este objecto e dos quais depende a sua existência, a sua transformação e o seu desaparecimento.

Centrando-nos no último dos conceitos identificados, Maurice Halbwachs recorda-nos que a memória permite-nos entender a história de uma maneira mais comprometida com a evolução da diversidade social e cultural, precisamente porque, em lugar de basear-se na história aprendida, baseia-se na história vivida. Isto permite-nos deixar de entender a história como uma sucessão cronológica de factos e de datas, com frequência representada de forma esquemática e incompleta, para nos centrarmos em tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos demais (2004: 60). Segundo esta lógica, a memória colectiva distingue-se da história por tratar-se, precisamente, de uma corrente de pensamento contínuo, com uma continuidade natural, que “del pasado sólo retiene lo que aún queda vivo de él o es capaz de vivir en la conciencia del grupo que la mantiene” (o.c. 81). Acrescente-se que, dentro de uma mesma história, existem várias memórias colectivas, já que cada uma delas tem como suporte um grupo limitado no espaço e no tempo (o.c. 84 e 85).

Construída desta forma, a história pode constituir uma ferramenta fundamental para a formulação do presente, com o objectivo de dar forma a uma realidade social e culturalmente mais equilibrada e também mais atenta ao respeito pela diversidade. Que melhor destino pode ter um inventário?

É neste contexto que nos parece constituir esta função uma peça fundamental do quebra-cabeças; um dos seus sentidos e objectivos consiste em ser um ponto de contacto com a história através da memória, ou o que é o mesmo, um lugar a partir do qual, através do estudo das realidades material e imaterial damos forma ao conceito de Património Cultural. O museu desempenha actualmente um papel fundamental como espaço de encontro de memórias individuais, do lugar e do tempo, através das quais se torna possível tecer o fio da memória colectiva do qual falámos em textos anteriores (Sancho Querol, 2010: 4), para proceder à sua salvaguarda e difusão. Com este objectivo parece evidente a necessidade de caminhar para uma narrativa que seja o mais livre possível de fragmentações, uma narrativa que nos permita exercer a nossa responsabilidade contemporânea, contribuindo para a

configuração de processos e valores sociais para as gerações presentes e futuras.

b) O inventário no contexto da produção de capital cultural no museu

Tomando como ponto de partida os três tipos de capital cultural definidos por Pierre Bourdieu: o incorporado, o objectivado e o institucionalizado (2001: 140-145) pareceu-me interessante definir duas relações cuja carga conceptual nos ajuda a entender a relevância da produção cultural do museu, no contexto do capital cultural contemporâneo:

- A primeira estabelece uma ponte entre o capital cultural incorporado e o conceito de Património Imaterial definido pela UNESCO. Se a primeira terminologia se refere à acumulação de cultura interiorizada por uma pessoa, em função de um contexto específico de aprendizagem no qual a família ocupa um lugar privilegiado, onde o sujeito, a partir da sua singularidade biológica, procede à transmissão hereditária de capital, o segundo conceito ganha significado quando um destes capitais resulta especialmente representativo da forma de viver, criar e celebrar de uma determinada comunidade.

- A segunda permite-nos definir um vínculo sólido entre o conceito de capital cultural objectivado e o conceito de Património Cultural material, já que o primeiro refere-se ao conjunto de bens culturais materiais que toma sentido, ora mediante uma apropriação simbólica através do capital incorporado, ora mediante uma apropriação material passando a capital económico; inversamente, o segundo consiste numa selecção de bens culturais que, pela sua natureza e características, são objecto de patrimonialização.

Assumindo este ponto de vista, o museu constitui, sem dúvida, uma autêntica fábrica de capitais culturais na qual, como subjaz aos próprios conceitos de Bourdieu, da relação entre as dimensões material e imaterial resulta a construção do conceito de Património Cultural. Desta forma defrontamo-nos com o facto de que o Património Imaterial que o indivíduo transporta acaba por ser o que outorga sentido e valor cultural ao Património material. Assim, a evolução dos conteúdos que poderão representar o material resulta da permanente revisão dos seus significados sobre “o quê” e “a quem” representa.

A lógica de Bourdieu antecipa ainda parte da filosofia que suporta o conceito de Património Imaterial definido pela UNESCO, à luz do qual a relação entre objecto e sujeito adquire uma nova dimensão, que alimenta a ideia de Património Cultural como uma construção social e histórica susceptível de revisão quer sob o ponto de vista temporal quer sob o ponto de vista espacial.

Nas respostas obtidas através das entrevistas encontramos, em primeiro lugar, palavras como “conhecimento”, “investigação” ou “descrição” que são termos que nos indicam que o **conhecimento** do capital cultural desempenha um papel importante no conceito de inventário de estes/estas especialistas. Em segundo lugar, aparecem conceitos relacionados com a **memória** ao longo da história e do mundo do trabalho, o que transmite uma ideia de que o capital cultural do museu se centra nestes dois campos. A chave

está na qualidade desta relação já que, em 2003, convencionou-se que a sua dimensão deveria ser significativa.

c) O lugar do inventário na gestão museológica quotidiana

Finalmente, ao chegarmos à coluna da gestão museológica encontramos-nos com o facto de que, no seu dia-a-dia, o museu identifica o inventário com conceitos como “registo”, “organização”, “sistematização” ou “informatização”, remetendo-se assim para o mundo da logística. Dando continuidade à nossa proposta, parece-nos fundamental que, para responder às necessidades actuais, o registo não se deve limitar a um acto de inscrição da entrada, existência ou localização do objecto mas sim ao registo no seu sentido mais amplo (fotográfico, fílmico, sonoro) através do qual temos acesso à percepção das diferentes caras do património vivo. O objectivo será estudar, difundir e salvaguardar as suas diferentes formas através do trabalho com a memória individual e mediante a utilização de estratégias de participação que permitam o desenvolvimento do papel social do museu, desenhando às várias faces da memória colectiva em parceria com os/as agentes locais.

IV. Reflexão final ou... Antes que as brasas arrefeçam

Partindo de um dos termos referidos nesta última temática, ou seja o termo “coleção” e seguindo a linha de pensamento de autores como Andrew Moutu, gostaríamos de chamar a atenção sobre a importância dos conceitos subjacentes à capacidade para organizar e criar as múltiplas possibilidades de (re)significação e reconfiguração que as coleções têm nas relações sociais contemporâneas (Moutu 2007: 94).

Talvez esta possa ser uma forma de afirmar que um museu socialmente útil é aquele em que a história tem várias vozes, um museu que se constrói descodificando memórias, estruturando realidades culturais junto às suas gentes, difundindo valores locais e sociais, ajudando a formular novos usos culturais que partem do estudo do passado através da memória, permitindo-nos definir os usos, valores e significados na cultura do presente.

Neste contexto o inventário constitui um lugar estratégico de gestão construtiva e dinâmica da memória, a partir do qual se definem territórios próprios nos quais se plasmam os diferentes níveis de pertença social e cultural.

Na cultura cigana existe um refrão com o qual gostaria de encerrar o presente artigo. Diz algo assim como ... “os amores, o sofrimento, a alegria, os sabores, os trabalhos, os desentendimentos, a vida e a morte levados à volta da fogueira não duram mais que o crepitar da última lenha” (Victor 2009: 4).

REFERÊNCIAS

Bourdieu, P. (2001). *Poder, derecho y clases sociales*. Col. Palimpsesto, Derechos humanos y Desarrollo, nº 6. Bilbao: Desclée de Brouwer.

Halbwachs, M. (2004). *La memoria colectiva*. Colección Clásicos, nº 6. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza. (traducción del original *La mémoire collective*, Paris: Presses Universitaires de France, 1968).

Moutu, A. (2007). Collection as a way of being. In, *Thinking through things. Theorising artefacts ethnographically*, Henare, A.; Holbraad, M.; Wastell, S. (ed.) London: Routledge.

Sancho Querol, L. (2009). Inventariando Patrimonios Culturales: Ocho entrevistas en museos portugueses. *Revista e-rph* Nº 5, (Dezembro de 2009). *Revista Electrónica de Patrimonio Histórico*, Departamento de Historia del Arte, Universidad de Granada. Consultar: <http://www.revistadepatrimonio.es/revistas/numero5/institucionespatrimonio/estudios/articulo.php>

Sancho Querol, L. (2010). Do coração do museu: inventário e património imaterial em 11 museus portugueses. *Newsletter ICOM.PT*, Nº 9. Pp. 2-10.
Consultar: [http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-9_jun-ago10\(1\).pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-9_jun-ago10(1).pdf)

Sancho Querol, L. (2011a). *Museos, memorias y participación cultural: la vida en un diálogo*. III SIAM (Seminario Iberoamericano de Investigación en Museología). *Universidad Autónoma de Madrid*, 27-29 Octubre.
Consultar: <http://www.siam2011.eu/?p=700>

Sancho Querol, L. (2011b). *El Patrimonio Cultural Inmaterial y la Sociomuseología: estudio sobre inventarios*. Tesis doctoral en Museología, presentada en el *Departamento de Museologia* de la *Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* de la *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias* de Lisboa, y dirigida por el Dr. Canova Magalhães Moutinho.

Santacana, J. y Hernández, F. X. (2006). *Museología crítica*. Gijón: Trea.

Victor, I. (2009). *As Tardes Interculturais no museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal*. [en línea]. [consulta:11.05.2010] – <http://www.mun-setubal.pt/MuseuTrabalho/>